

Quando a fotografia se sobrepõe à experiência: uma análise dos registros fotográficos na Educação Infantil

When photography overshadows experience: an analysis of photographic records in Early Childhood Education

Natália Beloli Martinello
Graduada em Pedagogia.
Universidade do Extremo
Sul Catarinense –
UNESC. E-mail:
natibeloli@hotmail.com



Claudia Milanez Sachet
Doutora em Educação.
Universidade do Extremo
Sul Catarinense –
UNESC. E-mail:
claudiams@unesoc.net



Resumo: Este estudo objetiva analisar como os registros fotográficos são utilizados em Centros de Educação Infantil (CEIs) e em escolas de Educação Básica que ofertam essa etapa de ensino no Extremo Sul Catarinense, considerando seus sentidos e implicações pedagógicas. A pesquisa, de abordagem qualitativa, contou com entrevistas semiestruturadas realizadas com cinco professoras da Educação Infantil, cujos dados foram submetidos à análise de conteúdo e interpretados à luz do referencial teórico. Os resultados evidenciam que, embora o registro fotográfico seja valorizado como parte do trabalho docente, seu uso permanece desigual e, em alguns contextos, pouco articulado a uma prática investigativa e reflexiva. Observou-se ainda que as condições de trabalho e os recursos disponíveis variam entre escolas públicas e privadas. Entretanto, não se identifica uma divisão rígida entre as redes: há professoras da rede pública que utilizam a fotografia de forma reflexiva, assim como professoras da rede privada que ainda desenvolvem práticas próximas a uma lógica de comprovação e produção de *boas imagens*. Em diversos casos, o registro fotográfico assume um caráter predominantemente estético e burocrático, voltado à comprovação das atividades, em vez de revelar os processos e as experiências vividas pelas crianças. Conclui-se que o registro fotográfico, quando realizado de forma intencional e reflexiva, constitui um instrumento da documentação pedagógica capaz de dar visibilidade aos processos de aprendizagem, favorecer a reflexão docente e fortalecer a prática educativa na Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil; documentação pedagógica; registro fotográfico.

Abstract: This study aims to analyze how photographic records are used in Early Childhood Education Centers (CEIs) and Basic Education schools offering Early Childhood Education in the Far South region of Santa Catarina State, Brazil, considering their meanings and pedagogical implications. Adopting a qualitative approach, the study was based on semi-structured interviews conducted with five Early Childhood Education teachers. The data were analyzed through content analysis and interpreted in light of the theoretical framework. The findings show that, although photographic records are valued as part of teaching practice, their use remains uneven and, in some contexts, is only weakly connected to an investigative and reflective approach. It was also observed that, although working conditions and available resources vary between public and private schools, there is no clear distinction between the two sectors: some public-school teachers use photography in a reflective manner, while some teachers in private schools still adopt practices aligned with a logic of documenting activities and producing “good images.” In several cases, photographic records assume a predominantly aesthetic and bureaucratic character, serving to document completed activities rather than reveal children’s learning processes and lived experiences. The study concludes that, when used intentionally and reflectively, photographic records constitute an important tool of pedagogical documentation, making learning processes visible, fostering teachers’ reflection, and strengthening educational practice in Early Childhood Education.

Keywords: Early Childhood Education; pedagogical documentation; photographic records.

DOI: <https://doi.org/10.18616/rsp.v10i1.10812>

Recebido: 27-06-2026

Aprovado: 10-07-2026

1 Introdução

O registro fotográfico ocupa lugar central na documentação pedagógica da Educação Infantil, constituindo-se como importante instrumento para acompanhar, interpretar e comunicar os processos de aprendizagem das crianças. Entretanto, em determinados contextos, observa-se que a produção das fotografias passa a assumir maior protagonismo do que as próprias experiências vividas pelas crianças, deslocando o foco dos processos para a construção de imagens visualmente atrativas.

Foi a partir dessa inquietação, construída ao longo da atuação profissional da pesquisadora na Educação Infantil, que surgiu a presente investigação. Em diferentes situações observadas no cotidiano escolar, percebeu-se que algumas propostas pedagógicas pareciam ser organizadas prioritariamente em função do registro fotográfico. Em uma delas, durante uma atividade sobre os planetas, frutas foram utilizadas para representar seus diferentes tamanhos. Embora a proposta possibilitasse múltiplas explorações, as crianças não puderam manipular os materiais, pois estes foram organizados apenas para compor a fotografia destinada ao portfólio. A atividade, visualmente atraente, pouco evidenciava a experiência efetivamente vivida pelas crianças.

Essa percepção foi reforçada em diálogos com outras professoras, que relataram sentir-se pressionadas a produzir registros esteticamente padronizados, recorrendo à preparação prévia das crianças, à organização de cenários e ao uso de materiais específicos para garantir imagens consideradas *adequadas*. Tais situações suscitaram questionamentos acerca dos sentidos atribuídos ao registro fotográfico e sobre sua aproximação — ou distanciamento — da documentação pedagógica.

Conforme Fochi (2019a), a documentação pedagógica constitui-se como fonte de reflexão, análise e memória sobre o fazer cotidiano, expressando o olhar do professor e incluindo as múltiplas atuações das crianças nas experiências educativas. Nessa perspectiva, o registro fotográfico deve ultrapassar sua dimensão estética e assumir uma função investigativa, tornando visíveis os processos de aprendizagem, as experiências infantis e a intencionalidade pedagógica que orienta o trabalho docente. Assim, parte-se do pressuposto de que, em determinados contextos, a fotografia pode deixar de cumprir sua função documental e passar a responder prioritariamente a demandas estéticas, burocráticas ou de prestação de contas às famílias, produzindo uma inversão na qual a imagem se sobrepõe à experiência.

Diante desse cenário, esta pesquisa objetiva analisar como os registros fotográficos são utilizados na Educação Infantil em CEIs e em escolas de Educação Básica que ofertam Educação Infantil no Extremo Sul Catarinense. Busca-se, ainda, compreender os sentidos atribuídos a essa prática e suas implicações para a documentação pedagógica. A investigação justifica-se pela necessidade de problematizar práticas naturalizadas no cotidiano escolar que, muitas vezes, privilegiam cenários, poses e enquadramentos em detrimento das experiências efetivamente vividas pelas crianças. Defende-se que a fotografia seja compreendida como consequência das experiências pedagógicas, e não como finalidade das atividades. A discussão também se mostra relevante para as famílias, que frequentemente têm acesso apenas ao produto final — a fotografia —, sem conhecer os processos de aprendizagem que lhe deram origem.

Diante desse contexto, coloca-se a seguinte questão de pesquisa: de que forma os registros fotográficos são utilizados na Educação Infantil em CEIs e em escolas de Educação Básica que ofertam Educação Infantil no Extremo Sul Catarinense? Para responder a essa questão, definiram-se os seguintes objetivos específicos: compreender, a partir do referencial teórico, os conceitos e sentidos do registro fotográfico na Educação Infantil; descrever como as professoras realizam os registros fotográficos em suas práticas pedagógicas; e identificar e refletir sobre os sentidos e as implicações atribuídos a essa prática.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e de campo. Conforme Minayo (2018), a pesquisa qualitativa busca apreender significados e intenções presentes nas ações e relações humanas, reconhecendo seu caráter processual e em constante transformação. A fundamentação teórica apoia-se, principalmente, nas contribuições de Kramer (2005; 2013), Hoffmann (2006; 2012) e Fochi (2019a), autores que discutem a documentação pedagógica, os registros e as experiências das crianças na Educação Infantil.

Na etapa empírica, participaram cinco professoras da Educação Infantil atuantes em três instituições públicas e duas privadas de uma cidade do Extremo Sul Catarinense. As participantes foram selecionadas por atuarem diretamente com crianças de um a cinco anos, possuírem vínculo mínimo de oito meses com a instituição e realizarem registros fotográficos em sua prática docente. As entrevistas semiestruturadas foram gravadas, transcritas e analisadas por meio da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016). O processo compreendeu três etapas: a pré-análise, destinada à organização do corpus e à leitura flutuante das entrevistas; a exploração do material, realizada mediante codificação e agrupamento das unidades de sentido em categorias temáticas; e, por fim, o tratamento dos resultados, inferência e interpretação,

etapa em que as categorias construídas foram analisadas à luz do referencial teórico adotado. Dessa análise emergiram três categorias: (i) compreensão e significados atribuídos ao registro fotográfico; (ii) critérios e intencionalidades na escolha do que fotografar; e (iii) formas de realização e organização dos registros fotográficos.

A pesquisa foi desenvolvida em conformidade com os princípios éticos que orientam as pesquisas com seres humanos nas Ciências Humanas e Sociais, conforme a Resolução CNS nº 510/2016. As participantes foram previamente esclarecidas acerca dos objetivos da investigação e manifestaram sua concordância mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para assegurar o anonimato das professoras e das instituições participantes, utilizaram-se códigos alfanuméricos (Professora 1 a Professora 5), preservando o sigilo das informações produzidas.

O artigo está organizado em duas seções teóricas, seguidas da análise dos dados produzidos na pesquisa e das considerações finais. A primeira discute a Educação Infantil como espaço de direitos, vivências e aprendizagens, problematizando a centralidade das experiências infantis. A segunda aborda a documentação pedagógica e o uso da fotografia como instrumento de registro, refletindo sobre seus sentidos, possibilidades e limites. Na sequência, apresentam-se a análise dos dados produzidos na pesquisa e as considerações finais.

2 Educação Infantil: espaço de direitos, vivências e aprendizagens

A Educação Infantil constitui a primeira etapa da Educação Básica e, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Brasil, 1996), tem como finalidade promover o desenvolvimento integral das crianças em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, complementando a ação da família e da comunidade. Organizada em creches e pré-escolas, essa etapa fundamenta-se em propostas pedagógicas intencionais, orientadas pelas interações e brincadeiras e acompanhadas por diferentes formas de registro, sem finalidade de promoção escolar.

Mais do que o primeiro espaço institucional de educação, a Educação Infantil configura-se como um lugar de convivência, aprendizagem e produção de cultura. Conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), educar e cuidar constituem dimensões indissociáveis do trabalho pedagógico, voltadas ao desenvolvimento integral das crianças. Nessa perspectiva, Kramer (2005) destaca que não é possível separar essas duas dimensões, uma vez que ambas integram o mesmo processo de desenvolvimento infantil.

A partir dessa compreensão, a criança deixa de ser concebida como receptora passiva do conhecimento para ser reconhecida como sujeito de direitos, protagonista de suas experiências e produtora de cultura, trazendo para a instituição educativa saberes construídos em seus diferentes contextos de vida. Como afirmam Abramowicz e Kramer (2023), a infância deve ser compreendida como um tempo pleno de existência, e não apenas como preparação para a vida adulta. Essa concepção implica organizar práticas pedagógicas que valorizem os interesses, as descobertas e as formas próprias de participação das crianças no cotidiano escolar.

Nessa direção, Kramer (2013) ressalta que crianças e professores chegam à instituição trazendo diferentes experiências culturais, sociais e afetivas, as quais se transformam em novas aprendizagens na convivência cotidiana. Cabe, portanto, à Educação Infantil ampliar esse repertório por meio de experiências intencionalmente planejadas, capazes de favorecer a construção de conhecimentos e o desenvolvimento infantil.

Essa compreensão também atribui ao professor um papel fundamental. Segundo Martins (2012), a ação docente consiste em possibilitar às crianças o acesso às produções culturais historicamente construídas, organizando situações pedagógicas que ampliem suas possibilidades de aprendizagem. Essa perspectiva dialoga com Vigotski (2007), para quem o desenvolvimento é impulsionado pelas experiências sociais, não sendo necessário esperar que a criança atinja determinado estágio para aprender.

Assim, o currículo da Educação Infantil não se reduz à realização de atividades, mas organiza experiências que possibilitam às crianças interagir, explorar, criar, brincar e produzir conhecimentos. Nessa perspectiva, as experiências vividas pelas crianças constituem o centro do trabalho pedagógico e, conseqüentemente, aquilo que deve ser observado, registrado e documentado pelos professores.

É justamente nesse contexto que a documentação pedagógica assume relevância. Se a aprendizagem se constrói nas interações, nas brincadeiras e nas múltiplas experiências infantis, os registros produzidos pelos professores precisam tornar visíveis esses processos, superando uma compreensão centrada apenas no produto final ou na produção de imagens esteticamente organizadas. A seguir, discute-se a documentação pedagógica e o uso da fotografia como instrumento de registro na Educação Infantil.

3 Documentação pedagógica: fotografia como registro na Educação Infantil

Quando se fala de registro na Educação Infantil, é comum associar o ato de documentar apenas à coleta de evidências sobre o que as crianças fazem no dia a dia. No entanto, a documentação pedagógica vai muito além dessa função descritiva. Fochi (2019a) explica que ela ultrapassa a simples ideia de registro ou de comunicação, sendo compreendida como uma estratégia de investigação e reflexão sobre o cotidiano pedagógico. Desse modo, possibilita atribuir significados às experiências e aprendizagens das crianças, tornando visíveis os processos vividos por elas e pelos adultos envolvidos. Assim, a documentação pedagógica não se resume a guardar lembranças, mas constitui-se como uma narrativa que revela o percurso das aprendizagens e os sentidos produzidos nas experiências educativas.

Fochi (2019a) também apresenta três vias importantes para pensar a construção do conhecimento pedagógico a partir da documentação: investigar, comunicar e sustentar os processos formativos. A investigação ocorre por meio de registros como fotografias, anotações, produções das crianças e planejamentos, que subsidiam o planejamento, a reflexão e a ressignificação das práticas pedagógicas. A comunicação torna visíveis as aprendizagens das crianças para as famílias, para a comunidade educativa e para elas próprias, favorecendo o diálogo sobre o cotidiano escolar. Já a dimensão formativa fortalece os processos de estudo, reflexão e troca entre os educadores, contribuindo para a construção coletiva de novos conhecimentos sobre as crianças, sobre a prática docente e sobre o contexto educativo.

Ao acompanhar o cotidiano das crianças e registrar suas descobertas, expressões, relações e movimentos, o professor amplia sua escuta e refina seu olhar sobre os processos de aprendizagem. Nesse contexto, o registro fotográfico assume papel relevante, pois, quando realizado de forma intencional, permite não apenas preservar a memória das experiências, mas também compreender os percursos vividos pelas crianças. Como destaca Ostetto (2002), planejar na Educação Infantil significa organizar contextos educativos ricos em significado, favorecendo a exploração, a curiosidade e a construção de sentidos sobre o mundo. É nesses contextos que o registro se consolida como importante ferramenta de acompanhamento e reflexão sobre o processo educativo.

O registro fotográfico compõe a documentação pedagógica e assume funções distintas conforme os objetivos do trabalho docente. De acordo com Chanan (2021), a fotografia na Educação Infantil não deve ser entendida como um simples registro produzido sem intenção, voltado apenas à captura de uma cena ou pose. Ao contrário, envolve uma intencionalidade pedagógica e comunicativa, pois cada imagem carrega um propósito educativo e expressivo.

Assim, ao registrar as práticas cotidianas, o educador se coloca em uma posição investigativa diante do próprio fazer pedagógico. O registro, nesse sentido, não deve ser compreendido como formalidade ou acúmulo de informações burocráticas, mas como parte do ciclo de planejamento, ação e reflexão. Ele oferece subsídios para que o professor compreenda melhor o percurso de aprendizagem das crianças, reveja suas estratégias e tome decisões mais conscientes. No entanto, como alertam Pinazza e Fochi (2018), o uso do registro ainda se mostra, muitas vezes, limitado a uma função de *prestação de contas*, seja para as famílias, seja para a própria instituição, o que compromete seu potencial formativo.

Nesse cenário, é importante destacar que a fotografia carrega consigo uma força particular: ela capta o instante, revela detalhes e produz memória. Segundo Carrieri (2015), considerando que grande parte da percepção humana é visual, os registros em imagem têm grande impacto, sendo capazes de sensibilizar, emocionar e provocar reflexão. No entanto, o que torna a fotografia significativa no campo da Educação Infantil não é apenas a qualidade da imagem capturada, mas sim o olhar pedagógico que a antecede e a leitura que dela se faz posteriormente. Fotografar, nesse contexto, é escolher o que ver, é registrar com intenção educativa. Muitas vezes, só ao revisitar as imagens é que o professor se dá conta da complexidade do que foi vivido, percebendo detalhes que escaparam ao olhar *ocupado e preocupado* do momento da atividade. Essa ideia pode ser ilustrada pela imagem a seguir, publicada na *Revista Bambini Brasil*, de 2024, em um texto de Fabrício Roelís Remígio. Nela, vemos o registro feito pela professora Cosma Souza, que documenta a experiência de uma criança explorando a areia por meio de funis. Mais do que um simples registro visual, a fotografia revela o olhar sensível e intencional da educadora, que reconhece na ação da criança um momento de descoberta, concentração e experimentação. Esse tipo de registro vai além da aparência do instante, ele traduz o processo de aprendizagem e o envolvimento da criança com o mundo, reafirmando o valor da fotografia como ferramenta pedagógica e reflexiva na Educação Infantil.

Figura 1 – Criança explorando a areia por meio de funis



Com os lábios entreabertos, Sofia pega um funil e coloca sobre o outro, olha a areia que passa por um funil e que cai no outro funil. Essa areia ultrapassa os dois funis ao mesmo tempo, caindo de volta sobre o papel kraft. Logo Sofia afasta o funil e observa atentamente a areia que escorre através do funil. Recorte do processo documental de 2022.
Fotos e texto: professora Cosma Souza.

Fonte: Revista Bambini Brasil. *Documentar do lado de fora*, 2024.

Ainda de acordo com Carrieri (2015), um bom registro, especialmente quando revisitado com intencionalidade, pode se tornar um recurso fundamental para nortear a prática, além de favorecer trocas significativas entre os membros da equipe. As imagens não apenas mostram o que aconteceu, mas também evidenciam posturas, interesses, processos, interações e aprendizagens. Elas têm o poder de contar histórias que as palavras, por vezes, não conseguem expressar.

Como bem aponta Hoffmann (2006), as crianças aprendem em interação com o outro, com os objetos, com os espaços e com os diferentes estímulos presentes em seu contexto. É por meio dessas interações que constroem conceitos, valores, formas de expressão e linguagem. Quando registramos esses momentos com cuidado e intencionalidade, estamos não apenas preservando memórias, mas também reconhecendo a importância do percurso de cada criança, valorizando suas descobertas e ampliando as possibilidades de aprendizagem.

Nessa mesma perspectiva, Fochi (2019b) aborda as mini-histórias como um dispositivo de sustentação da documentação pedagógica, caracterizando-as como uma forma sensível e significativa de tornar visíveis os processos de aprendizagem das crianças. Ao narrar o cotidiano por meio da articulação entre imagens e textos, as mini-histórias ampliam as possibilidades de interpretação das experiências infantis e fortalecem o olhar investigativo do professor.

Dentro das escolas, há uma nova cultura pedagógica, formativa e narrativa se estabelecendo a partir dos modos como os profissionais têm narrado o cotidiano pedagógico e as aprendizagens das crianças. As mini-histórias que são fixadas nas paredes da escola criam uma nova pele subjetiva sobre as relações, as aprendizagens, as brincadeiras, a convivência e os modos de construção do conhecimento dos meninos e das meninas. O modo de planejar dos professores e de construir a continuidade do planejamento também se vale desse exercício de narrar. A avaliação das crianças responde à exigência de servir como acompanhamento dos percursos de aprendizagem e acolhe o seu mundo interno através das mini-histórias que acompanham a avaliação (Fochi, 2019b, p. 24).

As mini-histórias, portanto, configuram-se como uma forma potente de registro, que valoriza o trabalho e as descobertas das crianças, dando visibilidade aos processos de construção do conhecimento e à intencionalidade presente nas ações docentes. Além de documentar, elas favorecem a reflexão sobre o planejamento e o acompanhamento das aprendizagens, fortalecendo o olhar sensível do professor diante das experiências infantis. A seguir, apresenta-se uma mini-história extraída da *III Mostra “Espalhando Boas Histórias: Rapsódias da Vida Cotidiana na Educação Infantil”* (OBECI, 2021), que exemplifica essa forma de documentação.

Figura 2– Mini-história

ATRAVÉS DE UM FIO...



Na sala referência, surge uma ligação cheia de alegria. Foi o que pude perceber no olhar de Bruno.

- Alô! Mamãe!

- Cadê você?

- O que você tá fazendo?

- To brincando na escola!"

No faz de conta, a criança entra em contato consigo mesma e com o outro, desenvolvendo associações entre esses dois universos.

Bruno estava feliz na escola e queria dividir essa alegria com a mãe...

Finalizada a ligação, Bruno segue para outra brincadeira. Quem sabe, um volante na mão, para dirigir, no entorno da sala ou, ainda, construir uma torre na mesa construtora?! Com vocês, a brincadeira é sempre especial, afinal quem não gosta de passar bons momentos ao lado dos amigos. Na escola da infância, há tempo para isso...

Escola AVAEC Texto: Janete Denise Imagens: Janete Denise Criança: Bruno Z. Louzada (2a4m)

Realização



Fonte: OBECI – Observatório da Cultura Infantil. III Mostra “Espalhando Boas Histórias: Rapsódias da Vida Cotidiana na Educação Infantil”. 2021.

A mini-história evidencia como a documentação pedagógica pode revelar os percursos de aprendizagem das crianças, valorizando seus processos e experiências cotidianas. Nesse sentido, documentação e avaliação aproximam-se por compartilharem um mesmo propósito: acompanhar os processos de aprendizagem, e não apenas seus resultados.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010), as instituições devem adotar procedimentos de acompanhamento e avaliação do desenvolvimento infantil sem caráter seletivo, classificatório ou de promoção, utilizando diferentes registros, como relatórios, fotografias e produções das crianças, de modo a garantir a continuidade das aprendizagens e a comunicação com as famílias.

Nessa mesma direção, Hoffmann (2012, p. 13) afirma que “avaliar não é julgar, mas acompanhar um percurso de vida da criança [...] com a intenção de favorecer o máximo possível seu desenvolvimento.” Essa concepção reforça que avaliar não é comparar nem classificar, mas reconhecer o percurso de cada criança, considerando suas vivências, ritmos e conquistas como parte essencial do processo de aprendizagem.

Refletir sobre a pergunta "de que forma os registros fotográficos são utilizados na Educação Infantil em CEIs e em escolas de Educação Básica que ofertam EI no Extremo Sul Catarinense?" implica refletir também sobre concepções de infância, de educação e de

documentação pedagógica. Significa considerar o tempo e o espaço destinados à escuta, à observação e à análise das experiências infantis, bem como as condições oferecidas para que o registro ultrapasse uma exigência burocrática e se constitua como uma prática integrada ao processo educativo. Nessa perspectiva, a imagem é compreendida não apenas como registro, mas como linguagem e instrumento de reflexão sobre a prática pedagógica. A seguir, apresenta-se a análise das entrevistas realizadas com as professoras participantes da pesquisa, buscando compreender os sentidos atribuídos ao uso dos registros fotográficos na Educação Infantil.

4 O olhar docente sobre o registro fotográfico: análise das entrevistas

Esta seção analisa os dados produzidos na pesquisa qualitativa, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com cinco professoras da Educação Infantil de uma cidade do Extremo Sul Catarinense. As participantes atuam em três instituições públicas e duas privadas e possuem entre cinco e vinte e três anos de experiência profissional, com diferentes percursos formativos, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 – Caracterização das participantes

Entrevistadas	Tempo de experiência na Ed. Infantil	Rede de atuação	Formação	Modalidade de formação
Professora 1	23 anos	Privada	Pedagogia e psicopedagogia clínica e institucional	A distância
Professora 2	16 anos	Privada	Pedagogia e pós-graduação (especialização em educação infantil)	Presencial
Professora 3	5 anos	Pública	Magistério	Presencial
Professora 4	7 anos	Pública	Magistério	Presencial
Professora 5	10 anos	Pública	Pedagogia e psicopedagogia clínica e institucional	Presencial

Fonte: Autoral (2025).

As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas com base na técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2016), da qual emergiram três categorias: (i) compreensão e significados atribuídos ao registro fotográfico; (ii) critérios e intencionalidades na escolha do que fotografar; e (iii) formas de realização e organização dos registros fotográficos. A seguir, apresenta-se a análise dessas categorias à luz do referencial teórico discutido neste estudo.

4.1 Compreensão e significados atribuídos ao registro fotográfico

A primeira categoria busca compreender como as professoras percebem o uso da fotografia na Educação Infantil, quais sentidos atribuem a esse recurso e de que forma o reconhecem como parte do trabalho pedagógico. As entrevistas evidenciam que todas atribuem importância ao registro fotográfico, embora revelem diferentes compreensões sobre suas finalidades e potencialidades pedagógicas.

Para a P1, o registro fotográfico é entendido como parte da documentação pedagógica. Ela afirma que "[...] o registro na Educação Infantil [...] faz parte da nossa documentação" e destaca que "tudo que não é registrado, não é lembrado". Sua fala evidencia a compreensão do registro como prática institucional voltada à preservação da memória pedagógica e à visibilidade das experiências das crianças. Ao mesmo tempo, revela certa confiança na fotografia como evidência do vivido, aproximando-a de uma função de comprovação do trabalho realizado, aspecto que dialoga com a discussão de Fochi (2019a) sobre a documentação pedagógica como forma de tornar visíveis os processos educativos.

A P2 reforça essa perspectiva ao destacar que o registro possibilita acompanhar o desenvolvimento das crianças e aproximar as famílias da rotina escolar. Segundo ela, "[...] ele é importante pra gente perceber até o desenvolvimento deles [...] e tem o momento também dos pais, da família acompanhar o que está sendo trabalhado na escola." Sua fala amplia a função comunicativa da fotografia, fortalecendo o vínculo entre escola e família. Entretanto, ao enfatizar a necessidade de *mostrar* às famílias o trabalho realizado, aproxima o registro de uma lógica de prestação de contas, distanciando-se da perspectiva defendida por Fochi (2019a), que compreende a documentação pedagógica como instrumento de investigação e reflexão sobre os processos de aprendizagem.

Para a P3, a fotografia permite visualizar de forma mais concreta a participação das crianças nas atividades. Ao afirmar que "[...] a foto eu acho melhor do que uma descrição porque tu vê a atuação de como foi feita a atividade", a professora atribui centralidade à imagem como representação da experiência. Embora reconheça o potencial do registro fotográfico, sua fala sugere que a imagem, por si só, seria suficiente para comunicar o processo vivido, reduzindo o papel da interpretação docente, elemento fundamental para transformar o registro em documentação pedagógica (Fochi, 2019a).

A P4 associa o registro fotográfico principalmente à memória. Em suas palavras, "é através da fotografia que a gente vê as coisas e relembra o que a gente fez." Essa compreensão

evidencia o valor afetivo da fotografia, mas restringe seu potencial pedagógico ao privilegiar a lembrança dos acontecimentos. Na Educação Infantil, entretanto, a fotografia ultrapassa a função de memória, constituindo-se como instrumento de observação, análise e planejamento das experiências das crianças.

Por sua vez, a P5 apresenta uma compreensão mais ampla do registro fotográfico. Segundo a professora, "[...] ele auxilia tanto no planejamento do professor [...] quanto na observação do desenvolvimento das crianças." Sua fala aproxima-se da concepção defendida por Chanan (2021), ao reconhecer a fotografia como prática intencional que subsidia o planejamento, a observação e a reflexão sobre os processos de aprendizagem, ultrapassando a simples produção de imagens.

De modo geral, as entrevistas revelam que todas as professoras reconhecem a importância do registro fotográfico, porém atribuem significados distintos a essa prática. Enquanto P1 e P5 apresentam uma compreensão mais próxima da documentação pedagógica como instrumento de planejamento, observação e reflexão, P2 enfatiza sua função comunicativa junto às famílias. Já P3 e P4 associam a fotografia principalmente à memória e ao registro visual das atividades. Esses resultados corroboram a discussão de Pinazza e Fochi (2018), ao evidenciarem que o registro fotográfico nem sempre alcança o estatuto de documentação pedagógica, permanecendo, muitas vezes, vinculado à produção de imagens destinadas a comprovar ou recordar acontecimentos. Assim, os dados reforçam a necessidade de ampliar a formação docente para que a fotografia seja compreendida como prática investigativa, reflexiva e intencional, deslocando o foco da *foto bonita* para registros que evidenciem os processos, os percursos e o protagonismo das crianças.

4.2 Critérios e intencionalidades na escolha do que fotografar

Nesta categoria, busca-se compreender os critérios que orientam as professoras na escolha dos momentos a serem registrados. As falas evidenciam que essas escolhas se relacionam tanto às demandas institucionais, como portfólios e registros avaliativos, quanto às experiências cotidianas consideradas significativas para as crianças. Desse modo, o registro fotográfico configura-se como uma prática intencional, marcada pela articulação entre o olhar da professora, as exigências institucionais e a comunicação com as famílias.

A P1 apresenta uma perspectiva ampla sobre o registro, ao integrá-lo às narrativas do cotidiano e ao projeto de investigação. Ela relata: "[...] a gente o tempo inteiro registra [...]" e complementa que registra acontecimentos cotidianos "a fim de comunicar às famílias". Além

disso, afirma que "[...] não pode ser qualquer foto", pois as imagens precisam comunicar os passos da narrativa construída. Sua fala evidencia uma compreensão da fotografia como elemento que integra a documentação pedagógica, aproximando-se da perspectiva de Fochi (2019a), ao atribuir intencionalidade à seleção das imagens. Entretanto, a recorrente referência à comunicação com as famílias também revela que esse critério influencia a escolha do que será fotografado. Como destacam Carrieri (2015), um bom registro depende de escolhas conscientes e da capacidade de atribuir significado às imagens produzidas.

A P3 valoriza o registro fotográfico principalmente como apoio à organização do trabalho docente. Ao afirmar que registra "todas as atividades", ainda que seja "com uma foto", e que utiliza essas imagens para lembrar das atividades no momento da elaboração do portfólio ou dos pareceres, a professora evidencia uma compreensão funcional da fotografia, mais voltada à comprovação das ações realizadas do que à análise dos processos vividos pelas crianças. Embora demonstre preocupação em registrar todos os alunos, sua fala aproxima-se da lógica de acumulação de imagens, aspecto problematizado por Fochi (2019a), que defende registros capazes de narrar os percursos individuais e coletivos das crianças.

A P2 destaca o uso da fotografia para acompanhar aspectos do desenvolvimento infantil, especialmente relacionados à coordenação motora fina. Segundo ela, "[...] gosto de ver como eles estão segurando o lápis", utilizando o registro para observar avanços e orientar sua prática. Essa compreensão revela uma intencionalidade pedagógica importante, embora ainda centrada em habilidades específicas, privilegiando momentos que evidenciem determinados indicadores de desenvolvimento.

A P4 afirma utilizar as fotografias como apoio ao planejamento, pois "[...] sem a foto, às vezes tu não lembra como que é a atividade". Também comenta que "a maioria das fotos a gente tira pro portfólio", indicando que os registros se concentram, muitas vezes, em momentos previamente planejados. Sua fala aproxima a fotografia de uma função de memória e organização do trabalho docente, mantendo menor ênfase na documentação dos processos vividos pelas crianças.

Já a P5 compreende o registro como instrumento de acompanhamento do desenvolvimento infantil e de reflexão sobre a própria prática. Segundo a professora, "[...] documenta o desenvolvimento da criança [...] e serve para refletir sobre a minha prática", permitindo identificar aspectos que podem ser aprimorados nas próximas experiências. Ao mesmo tempo, reconhece que "na correria do dia a dia" nem todos os momentos conseguem ser registrados. Essa observação evidencia que, embora exista intencionalidade pedagógica, as

condições concretas do cotidiano também influenciam as escolhas sobre o que fotografar, favorecendo, muitas vezes, registros de momentos mais organizados ou previamente planejados.

Os resultados dessa categoria revelam que os critérios de escolha das fotografias resultam da articulação entre intencionalidades pedagógicas, demandas institucionais e limitações do cotidiano escolar. Embora algumas professoras demonstrem compreender o registro como instrumento de observação, planejamento e reflexão, ainda predominam práticas fortemente vinculadas ao portfólio, à comunicação com as famílias e à necessidade de documentar atividades realizadas. Esses resultados dialogam com Pinazza e Fochi (2018), ao evidenciarem que a documentação pedagógica exige intencionalidade, qualidade e reflexão coletiva, ultrapassando a simples produção de imagens. Nesse sentido, os dados reforçam a necessidade de deslocar o foco da fotografia como comprovação ou registro de *boas atividades* para uma documentação capaz de tornar visíveis os processos, os percursos e o protagonismo das crianças.

4.3 Formas de realização e organização dos registros fotográficos

Esta categoria busca compreender como o ato de fotografar ocorre no cotidiano das professoras, considerando quem realiza os registros, em quais momentos, com que frequência e de que forma as imagens são organizadas e utilizadas. As entrevistas evidenciam que o registro fotográfico integra a rotina pedagógica, mas sua realização é atravessada por diferentes intencionalidades, desafios materiais e pela tensão entre espontaneidade e estética.

A P1 apresenta uma prática integrada ao cotidiano escolar, afirmando que "[...] essa questão dos registros na nossa escola acontece muito espontâneo, já está dentro de nós [...]". A professora destaca a importância de registrar momentos reais, ressaltando que "[...] não posso chamar o Joãozinho [...] sente aqui que eu vou bater uma foto tua." Sua fala aproxima-se de uma concepção de documentação que valoriza a espontaneidade e o respeito às experiências das crianças. Ao mesmo tempo, relata que, durante muitos anos, realizou os registros utilizando seu próprio celular, evidenciando limitações estruturais que não impediram a continuidade da prática. Também chama atenção sua valorização da estética ao afirmar que "[...] a estética é muito importante", compreendendo-a como elemento capaz de despertar o interesse das crianças. Embora essa preocupação possa compor a organização dos espaços educativos, também revela uma tensão entre o cuidado pedagógico e a produção de imagens visualmente atrativas.

A P2 também afirma privilegiar registros espontâneos, preferindo fotografar as crianças "trabalhando, fazendo, olhando para a atividade". Entretanto, relata que costuma "dar uma ajeitadinha" quando percebe cabelos ou roupas desorganizados, evidenciando que aspectos estéticos também influenciam o momento do registro. Além disso, destaca a ausência de equipamentos institucionais, afirmando que utiliza seu próprio celular para fotografar, o que interfere na organização do trabalho e limita as possibilidades de registro.

A P3 demonstra uma prática organizada ao relacionar as fotografias às observações pedagógicas. Segundo a professora, imprime as imagens e acrescenta observações sobre alunos que se destacaram ou apresentaram dificuldades. Embora essa prática favoreça o acompanhamento do desenvolvimento infantil, a referência ao "aluno destaque" sugere uma seleção que pode atribuir maior visibilidade a determinadas experiências, distanciando-se de uma perspectiva que valorize os diferentes percursos das crianças. Também menciona a ausência de equipamentos fornecidos pela instituição, aspecto recorrente nas entrevistas.

A P4 apresenta uma prática marcada pela preparação do cenário e pela organização da aparência das crianças antes do registro. Ao mencionar que arruma o cabelo, troca roupas quando necessário e organiza o ambiente, evidencia uma preocupação com a composição da imagem. Embora afirme esperar momentos em que a criança esteja concentrada para fotografar, sua fala revela uma valorização da estética que pode aproximar o registro de uma lógica de encenação, privilegiando imagens visualmente organizadas em detrimento da espontaneidade das experiências.

Já a P5 descreve uma prática planejada, organizando previamente os espaços e os materiais antes de realizar os registros. Também relata orientar as crianças quanto à postura e à aparência, demonstrando preocupação com a qualidade estética das fotografias. Ao mesmo tempo, reconhece que, muitas vezes, está sozinha na sala e que a necessidade de registrar pode levar à perda de momentos significativos da interação com as crianças. Além disso, destaca a ausência de equipamentos institucionais e a utilização do próprio celular para armazenar as imagens, evidenciando como as condições de trabalho interferem diretamente na realização dos registros.

As análises permitem compreender que o registro fotográfico integra o cotidiano das professoras, mas sua realização é condicionada tanto pelas concepções pedagógicas quanto pelas condições concretas de trabalho. Aspectos como a falta de equipamentos, a sobrecarga docente e a necessidade de produzir imagens destinadas a portfólios ou às famílias influenciam diretamente as escolhas sobre o que registrar. Ao mesmo tempo, a recorrente preocupação com

a estética evidencia uma tensão entre documentar processos vividos pelas crianças e produzir fotografias visualmente organizadas. Essa constatação dialoga com Pinazza e Fochi (2018), ao reforçar que a documentação pedagógica exige tempo, reflexão e intencionalidade para que o registro ultrapasse a função de comprovação das atividades e se constitua como instrumento de investigação da prática pedagógica. Nesse sentido, os resultados desta pesquisa reforçam a problemática central do estudo ao evidenciarem que, em diferentes contextos, a produção da *boa fotografia* pode assumir protagonismo em relação às próprias experiências vividas pelas crianças.

5 Considerações Finais

A pesquisa teve como objetivo analisar como os registros fotográficos são utilizados na Educação Infantil em Centros de Educação Infantil (CEIs) e escolas de Educação Básica do Extremo Sul Catarinense. A partir da discussão sobre documentação pedagógica, buscou-se compreender em que medida a fotografia contribui para tornar visíveis os processos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças ou, ao contrário, passa a privilegiar o produto final em detrimento das experiências vividas.

Os resultados evidenciam que o registro fotográfico é amplamente valorizado pelas professoras e reconhecido como parte da rotina pedagógica. Entretanto, as análises revelam que esse reconhecimento nem sempre é acompanhado de uma compreensão da fotografia como instrumento de documentação pedagógica, investigação e reflexão sobre os processos de aprendizagem. Em diferentes situações, o registro permanece associado à memória, à comunicação com as famílias, ao portfólio e à comprovação das atividades realizadas, aproximando-se de finalidades burocráticas e estéticas.

Também foi possível identificar que as concepções sobre o registro fotográfico são influenciadas pela formação docente, pelas culturas institucionais e pelas condições concretas de trabalho. Aspectos como a ausência de equipamentos, a falta de tempo para análise coletiva e as demandas relacionadas aos portfólios interferem diretamente nas escolhas sobre o que fotografar e na forma como essas imagens são utilizadas no cotidiano das instituições.

Ao mesmo tempo, os dados demonstram que algumas professoras compreendem a fotografia como instrumento de observação, planejamento e reflexão, aproximando-se da perspectiva da documentação pedagógica discutida ao longo deste estudo. Esses resultados reforçam que a qualidade do registro não depende apenas do ato de fotografar, mas da

intencionalidade que orienta sua produção, seleção, interpretação e utilização no planejamento pedagógico.

A pesquisa também permitiu problematizar a centralidade atribuída à chamada *foto bonita*, evidenciando que a preocupação com imagens organizadas, cenários preparados e registros visualmente atrativos pode deslocar o foco das experiências efetivamente vividas pelas crianças. Mais do que negar a importância da fotografia, os resultados apontam para a necessidade de compreendê-la como linguagem capaz de revelar processos, tentativas, descobertas e formas de participação infantil, evitando que a imagem se sobreponha às experiências que pretende documentar.

Do ponto de vista prático, os resultados indicam a importância de ampliar os processos formativos sobre documentação pedagógica, garantir melhores condições materiais para a realização dos registros e criar tempos institucionais destinados à análise coletiva das fotografias e demais documentos produzidos no cotidiano da Educação Infantil. Essas ações podem contribuir para deslocar o registro de uma função predominantemente comprobatória para uma prática investigativa, reflexiva e formativa.

Por fim, esta pesquisa, realizada com cinco professoras de uma cidade do Extremo Sul Catarinense, não pretende generalizar seus resultados, mas oferecer elementos para ampliar o debate sobre o uso da fotografia na Educação Infantil. Espera-se que este estudo contribua para fortalecer práticas de documentação pedagógica comprometidas com a visibilidade dos processos de aprendizagem e com o protagonismo das crianças, reafirmando que registrar deve significar compreender, interpretar e refletir, e não apenas comprovar ou ilustrar o cotidiano escolar.

Referências

ABRAMOWICZ, A.; KRAMER, S. Afinal, para que serve a Educação Infantil? *Olhar de Professor*, [S. l.], v. 26, p. 1–11, 2023. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.26.22414.065. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/22414>. Acesso em: 17 set. 2025.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 25 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB, 2010.

CARRIERI, André. Registro fotográfico: muito mais do que documentar! *Tempo de Creche*, 17 jun. 2015. Disponível em: <https://tempodecreche.com.br/registros-e-avaliacoes/registro-fotografico-muito-mais-do-que-documentar/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

CHANAN, Marcela. A fotografia como registro pedagógico na educação infantil. *Blog Cultura Infantil*, 2021. Disponível em: <https://www.blogculturainfantil.com.br/post/a-fotografia-como-registro-pedag%C3%B3gico-na-educa%C3%A7%C3%A3o-infantil>. Acesso em: 21 mar. 2025.

FOCHI, Paulo (org.). *Mini-histórias: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil – OBECI*. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2019b.

FOCHI, Paulo Sérgio. *A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil – OBECI*. 2019a. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-25072019-131945/>. Acesso em: 6 nov. 2025.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação e Educação Infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança*. 10. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

HOFFMANN, Jussara. Qual o significado da avaliação de crianças nas creches e pré-escolas? In: *Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança*. Porto Alegre: Mediação, 2006. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/602614925/Avaliac-a-o-e-Educac-a-o-Infantil-Jussara-Hoffmann>. Acesso em: 17 out. 2025.

KRAMER, Sônia. *Cuidar e educar além da rima*. São Paulo: Ática, 2005.

KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda; CARVALHO, Maria Cristina (orgs.). *Educação infantil: formação e responsabilidade*. Campinas, SP: Papirus, 2013.

MARTINS, L. M. O ensino e o desenvolvimento da criança de zero a três anos. In: ARCE, A.; MARTINS, L. M. (orgs.). *Ensinando aos pequenos de zero a três anos*. Campinas, SP: Alínea, 2012.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2018.

OBECI – Observatório da Cultura Infantil. *III Mostra “Espalhando Boas Histórias: Rapsódias da Vida Cotidiana na Educação Infantil”*. 2021. Disponível em: <https://www.obeci.org/mostraminihistoria>. Acesso em: 10 nov. 2025.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). *Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágio*. Campinas: Papirus, 2002.

PINAZZA, Mônica Appezzato; FOCHI, Paulo Sérgio. Documentação pedagógica: observar, registrar e (re)criar significados. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 19, n. 40, p. 184-199, maio/ago. 2018. Disponível em:

<https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723819402018184>. Acesso em: 2 jun. 2025.

REVISTA BAMBINI BRASIL. *Documentar do lado de fora*. Direção: Andrea Pagano. Direção científica: Paulo Fochi; Monica Guerra. Tradução: Cilene Tineli. Colaboração editorial: Editora Diálogos Embalados, ano 1, n. 1, 2024.

VIGOTSKI, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.